

AS REPRESENTAÇÕES DA MEMÓRIA EM A *FILHA DO ESCRITOR* DE GUSTAVO BERNARDO

Rosani Úrsula Ketzer Umbach¹

Adriana Yokoyama²

Resumo: O trabalho tem como objetivo analisar o romance *A filha do escritor* (2008), de Gustavo Bernardo³, sob a ótica dos estudos psíquicos e memorialísticos entrelaçados no contexto ficcional da obra. Essa abordagem traz à tona a representação da memória sob uma análise psíquica, acerca de alguns aspectos inerentes aos distúrbios neurológicos por manter relação direta com a obra. A pesquisa busca de conceitos e representações da memória, que vão concretizar a importância deste fenômeno como elemento fundamental na constituição da obra. Os estudos de Terry Eagleton, Aleida Assmann e Alfredo Garcia-Roza, no que diz respeito às teorias freudianas, irão constituir mais especificamente a base teórica de nossa pesquisa.

Palavras-chave: Memória; Psicanálise; Ficção; Realidade.

Abstract: The study aims to analyze the novel, *A filha do escritor* (2008), of Gustavo Bernardo, from the perspective of the psychic and memorialist studies intertwined in the fictional context of the work. This approach brings out the representation of memory under a psychic analysis, about some aspects of the neurological disorders because they maintain a direct relationship with the work. The research is surrounded by concepts and representations of memory, which will concretize the importance of this phenomenon as a fundamental element in the constitution of the work. The studies of Terry Eagleton, Aleida Assmann and Alfredo Garcia-Roza, with respect to Freudian theories will be specifically the theoretical basis of our research.

Keywords: Memory; Psychoanalysis; Fiction; Reality.

1 Professora doutora do programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Artes e Letras, Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); coordenadora da linha de pesquisa Literatura, comparatismo e crítica social. Santa Maria – Rio Grande do Sul.

2 Mestranda (Bolsista Capes) em Estudos Literários na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), orientada pela Prof.^a Dr.^a Rosani Ketzer Umbach e participante do grupo de pesquisa “Literatura e Autoritarismo”.

3 O ensaísta, romancista e escritor, Gustavo Bernardo Galvão Krauser, é doutor em Literatura Comparada pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e professor associado de Teoria da Literatura, na mesma instituição, desde 1978.

INTRODUÇÃO

A filha do escritor (2008), de Gustavo Bernardo, narra a história de um médico psiquiatra, lotado em um hospital para doentes mentais no município de Itaguaí, no Rio de Janeiro, que recebe a visita de Lívia, uma jovem paciente que se diz filha de Machado de Assis, escritor morto há mais de cem anos. O aparecimento voluntário de Lívia neste “estabelecimento” se dá a partir de uma associação das descrições dada pelo seu suposto pai para um encontro de reconhecimento entre ambos: uma casa com janelas verdes. Pesquisador arguto das obras de Machado de Assis, Gustavo Bernardo evoca não apenas a figura do autor, como também faz referência a algumas de suas obras. A personagem Lívia, por exemplo, tem definições muito semelhantes à personagem de mesmo nome do livro *Ressurreição* (1872), inclusive sua viuvez e o nome do filho que diz ter, chamado Luís. Além da descrição do hospital apresentar-se similar ao hospital para doentes mentais em *O Alienista* (1882). É uma obra que se destaca pela criatividade do autor em atribuir tons de realidade à ficção, tema que explora com habilidade.

O desfecho se dá a partir de uma surpreendente revelação: o narrador protagonista, o médico psiquiatra, nunca existiu; assim como o hospital e, principalmente Lívia e suas alucinações decorrentes de uma esquizofrenia. A história é narrada por um bibliotecário que queima todos os livros de Machado de Assis e os manuais de medicina e psiquiatria, devido a um surto psicótico e, acreditando ser um psiquiatra em plena consciência propõe sua internação, sendo diagnosticado, por ele mesmo, como um esquizofrênico. Dessa forma, o processo criativo de Gustavo Bernardo, caracterizado pela aproximação de elementos do passado, encontra na memória traços de realidade e ficção que se entrelaçam ao romance de maneira surpreendente. É nesta direção que seguiremos para a análise desta obra.

O PROCESSO ESQUIZOFRÊNICO E SUA ASSOCIAÇÃO COM A MEMÓRIA

A temática da esquizofrenia é a matéria prima do romance de Gustavo Bernardo. Ela é essencial para o desenvolvimento de uma narrativa que se constrói a partir dos liames entre ficção e realidade, transitando no espaço literário de maneira diferenciada por alcançar questões patológicas. Essa aproximação nos permite compreender e valorizar a obra a partir de duas associações: o surto esquizofrênico, causador de uma confusão mental que dissipa e transmuta a realidade a outro plano, e a literatura, que incorpora à sua estrutura todos esses elementos disponíveis para sua arquitetura. O diagnóstico esquizofrênico de Lívia é descrito pelo médico narrador, já nas linhas iniciais da obra, possibilitando ao leitor o reconhecimento dessa patologia, característica principal da paciente, que se desenvolve ao longo do discurso. A compreensão desse processo mental, a partir de uma breve abordagem, é de suma importância para o esclarecimento das relações ficcionais a que a obra se refere.

Motivado pelas doutrinas de Freud, Terry Eagleton (2006) esclarece alguns pontos relativos ao processo da esquizofrenia, buscando no inconsciente algumas respostas para sua atuação. Segundo essa teoria, o inconsciente “é um lugar e um não-lugar, completamente indiferente à realidade, que não conhece lógica, negação, causalidade ou contradição, totalmente entregue ao jogo instintivo dos impulsos e da busca de prazer.” (EAGLETON, 2006,

p. 236). De acordo com o teórico, um dos caminhos para se chegar ao inconsciente é através dos sonhos que são, para Freud, as realizações simbólicas dos desejos inconscientes. Nesse processo alguns sistemas são ativados, entre eles o “ego”⁴ que se estabelece em sua função de censurar ou deformar algumas imagens anteriores registradas e reservadas no inconsciente com os acontecimentos do dia a dia, ocasionando assim a condensação ou o deslocamento constante de significados, que são transformados em representações linguísticas (metáfora e metonímia) por intermédio dessa mistura. Porém, esse não é o único meio de acesso ao inconsciente.

Sempre calcado nas doutrinas freudianas, Eagleton (2006) relata que o inconsciente é na perturbação psicológica ainda mais prejudicial por desencadear conflitos neurológicos e psicóticos. A diferença entre um e outro será definida pela atuação do ego, pois na neurose os desejos inconscientes não escapam ao ego, pois é a repressão realizada por ele que desencadeará esse processo. No caso da psicose, o ego não consegue reprimir o desejo inconsciente, ao contrário, é dominado por ele. Este fato ocasiona o rompimento do ego e do mundo exterior, levando o inconsciente a construir uma realidade alucinatória, propiciando a perda da realidade em dois pontos-chave: na paranoia e na esquizofrenia. Eagleton (2006) faz uma comparação bastante esclarecedora para a compreensão dessas patologias: “se o neurótico pode apresentar uma paralisia do braço, o psicótico pode acreditar que seu braço transformou-se na tromba de um elefante.” (EAGLETON, 2006, p.238). Essa perda de contato com a realidade apresenta sintomas bastante específicos em cada um dos casos. Porém, o campo mais favorável para nossas análises advém do processo da esquizofrenia que

[...] compreende um desligamento da realidade e um retraimento sobre o eu, com uma produção excessiva, mas pouco sistematizada, de fantasias: é como se o “id”⁵, ou desejo inconsciente, se tivesse revolvido e inundado a mente consciente com sua falta de lógica, suas associações disparatadas e com ligações mais afetivas do que conceituais entre as ideias (EAGLETON, 2006, p. 239).

Essa fuga da realidade, desencadeada pela doença mental, encontra no modelo de funcionamento da mente, os elementos que vão propiciar sua atuação desordenada no futuro. Esse processo não seria possível sem a associação da linguagem como representação desses estímulos, pois,

o inconsciente guarda materiais desconhecidos pelo consciente, de forma que pode elaborar planos de ação inconscientes que podem se manifestar no cons-

4 Nesse contexto, nossas considerações baseiam-se na compreensão do “ego” não como sujeito, mas como um objeto, “uma formação particular interior ao sistema Ψ (neurônios portadores da memória), a partir das considerações do escritor-filósofo e psicólogo, Luiz Alfredo Garcia-Roza (GARCIA-ROZA, 1984, p.50,56).

5 De acordo com, Andréa Pereira de Lima, em seu artigo intitulado *O modelo estrutural de Freud e o cérebro: uma proposta de integração entre a psicanálise e a neurofisiologia*, o id foi concebido como um conjunto de conteúdos de natureza pulsional e de ordem inconsciente, constituindo o polo psicobiológico da personalidade. É considerada a reserva inconsciente dos desejos e impulsos de origem genética, voltados para a preservação e propagação da vida. Contém tudo o que é herdado, que se acha presente no nascimento, acima de tudo os elementos instintivos que se originam da organização somática.

ciente sem ser claramente observados, e o faz através da linguagem, que nasce deste processo de elaboração. [...] A linguagem para Freud, é produzida como resultado do complexo mecanismo psíquico, que transforma as impressões sensoriais e produz as representações a partir de processos subjetivos de associações e transferência. O essencial do aparelho psíquico, que é a trama das representações, se situa entre a percepção e a consciência, lugar onde os acontecimentos psíquicos são gravados, de forma permanente, na memória através dos traços mnêmicos (PAES, 1997, p. 15-17).

Dessa forma, os fenômenos decorrentes do mundo exterior e interior são articulados entre os sistemas e representados de maneira simbólica e diferenciada. Porém, sem desprezar tais teorias, Freud, no intuito de abarcar a totalidade dos fenômenos psíquicos, elabora a concepção do aparelho psíquico conhecido como ‘modelo estrutural’ [...]. Essa concepção estruturalista [...] consiste em uma divisão da mente em três instâncias psíquicas: o id, o ego e o superego (LIMA, 2009, p. 281).

Esse sistema do aparelho psíquico que se divide em três conceitos, *id*, *ego* e o *superego*, possui a seguinte definição: o id, responde direta e imediatamente ao estímulo instintivo sem considerar as consequências da realidade, o ego, tem a capacidade de harmonizar os conflitos entre o ambiente e a realidade, o superego, atua autoritariamente reprimindo os desejos inconscientes; são os pensamentos morais internalizados que nos impedem de realizar nossos desejos e instintos. Baseada nas teorias freudianas, nossa análise começa a se estruturar na compreensão dos fenômenos psíquicos referentes à personagem de Gustavo Bernardo. Explorando as lacunas da consciência encontramos os conteúdos de formação do inconsciente⁶, e, considerando que eles são singulares e pertencentes as experiências particulares de cada indivíduo, percebemos que suas definições serão expressas de maneira diferenciada no ato analítico de cada sujeito. Fica evidente que, diante de tais considerações, as relações entre memória e as instâncias psíquicas estão definitivamente entrelaçadas. Em um indivíduo sem alterações mentais, os fenômenos psíquicos atuam ordenadamente, cada um exercendo a sua função. Porém, em indivíduos detectados por doenças mentais, mais especificamente a esquizofrenia, o ego não consegue reprimir os desejos inconscientes, rompendo a barreira existente entre ele e o mundo exterior, desencadeando as alucinações.

Por assumir atividades em parte conscientes, pré-conscientes e inconscientes e “desempenhar sua função de armazenar experiências sobre os diferentes estímulos da memória, e aprendendo a produzir modificações convenientes no mundo externo em seu próprio benefício”, (LIMA, 2009, p. 1) quando ultrapassado, desencadeia a desarmonização de suas estruturas.

No ato analítico de Livia, esse processo pode ser claramente percebido pela atuação de seu discurso com seus diálogos desencontrados, seus lapsos temporais e espaciais totalmente desconexos e sua realidade pessoal desintegrada. Se antes, mesmo sem nenhuma

6 Segundo Garcia-Roza (1984), Freud ao iniciar o seu extenso artigo O Inconsciente aponta que o caminho do inconsciente deve ser encontrado nas lacunas das manifestações consciente. Isto significa dizer que, a não compreensão desses fenômenos lacunares, diante da descontinuidade em produzir um discurso consciente, e em alguns casos de seus elementos formadores impõem-se à fala, ocasionando trocas de nomes e esquecimentos, é, para Freud, a confirmação da existência de outro sujeito; o sujeito do inconsciente.

referência anterior que pudesse colaborar para as investigações do médico, sua visão (assim como a dos leitores) transpõe-se para a realidade literária, as obras de Machado de Assis e a uma suposta “invasão” ou, seguindo a direção freudiana, a liberação de um material reservado na memória psíquica do paciente, com o desfecho, um bibliotecário que queima, entre outras coisas, todas as obras de Machado de Assis, podemos concluir, com uma certeza freudiana, que as memórias de suas leituras, ou seja, de excitações externas decorrentes também da leitura, foram reservadas em um dos sistemas do aparelho psíquico, mas devido a sua doença mental, foram rompidas, causando uma desorganização em todo aparelho. Portanto, o processo que se desenvolve no interior da estrutura, independente da condição mental, tem ligação direta com a memória.

O ENTRELAÇAR DA MEMÓRIA NO CONTEXTO FICCIONAL E REALÍSTICO DA OBRA

A passagem do capítulo VII, *Déjà-lu*, que faz referência ao fenômeno *Déjà-vu*, nos mostra a conexão da memória ao aparelho psíquico. Embora haja inúmeros conceitos referentes a este tema, e muitos nos fazem acreditar na relação da memória com a dúvida de já termos presenciados ou não aquele momento, como informa o próprio narrador em sua obra (BERNARDO, 2008, p. 51), assim como ele, é na psicanálise que encontramos algumas de suas definições. Durante a visita do médico ao quarto de Lívia, devido a uma suposta depressão e indisposição para comparecer ao consultório, Joaquim, durante um assunto sobre as diferenças sanguíneas, refere-se a Luís, filho imaginário de Lívia, como alguém que realmente existisse. Este fato despertou no médico uma sensação de *Déjà-vu*. Nesse contexto, o autor utiliza-se de seu veículo para também fornecer algumas explicações sobre este fato e, por intermédio de seu personagem, o médico explica a seu amigo imaginário:

se por hipótese assumo que a minha experiência de fazer a consulta da paciente no seu quarto detonou alguma recordação verdadeira, então a sensação teria me ocorrido porque a experiência original não teria sido completamente codificada. Nesse caso, aquela situação, atender Lívia no quarto de Lívia, disparou a recordação de um fragmento do passado de que tivesse apenas uma vaga memória. A sensação perturbadora, justificando o estranhamento por conta da memória fragmentada (BERNARDO, 2008, p. 53).

Essa não é uma experiência que se atribui apenas aos indivíduos portadores de distúrbios mentais, ela também ocorre em casos não patológicos. O *Déjà-vu*, ou seja, a sensação de familiaridade diante de uma cena nova, segundo o médico psicanalista Antonio Carlos Pacheco e Silva Filho (2003), membro da Sociedade Brasileira de psicanálise de São Paulo, apoiado nas considerações de Houzel, descreve que podem ser lembranças ou falsas lembranças “incrementadas quando o fato vivido ou imaginado causou maior impacto afetivo. Além disso, com a repressão (recalque)⁷ emocional de um fato traumático vivido ou fanta-

⁷ Segundo Alfredo Garcia-Roza, o recalque é definido por Freud como o processo cuja essência consiste no fato de

siado, a rememoração mostra que a pessoa não tinha qualquer consciência de sua existência” (SILVA FILHO, 2003, p. 2), sendo, portanto, um dos sintomas decorrentes dessa patologia. A percepção do médico diante dessa sensação em si mesmo, só será entendida após a descoberta do verdadeiro narrador e sua doença mental, já que tais sensações são também atribuídas à pacientes psiquiátricos. Nesse sentido, podemos perceber a importância da memória na tessitura da obra de Bernardo (2008), mesmo indiretamente, ao tematizar as características e os sintomas da esquizofrenia de seus personagens em *A filha do escritor*.

O romance de Gustavo Bernardo perpassa a simples narrativa ao inserir elementos que possibilitam a análise a partir de diferentes vertentes. Mas, considerando a memória um elemento claramente diagnosticado no contexto narrativo, é inevitável não correspondermos às expectativas do óbvio. Diante deste fato, o papel da memória submerge na construção de sua narrativa ficcional pela ligação e fundamental importância nos processos psíquicos irrompidos pelos seus sistemas. O mergulho na visão psicanalítica nos proporcionou compreender a formação do aparelho psíquico e a função da memória como elemento fundamental para a sua composição, estando interligada a linguagem, bem como os resultados ocasionados pelo rompimento da barreira do ego, ou seja, a atuação desordenada das estruturas, diante das percepções acumuladas nos reservatórios mnemônicos⁸ e de todos os outros sistemas.

Desde o seu primeiro contato com o médico, os relatos de Lívia caracterizavam-se como um distúrbio mental. Suas memórias transformavam, através da linguagem, o seu discurso completamente incoerente e, muitas vezes, fragmentado. O capítulo X registra duas ocorrências desse discurso fragmentado de Lívia: “Não sei ao certo os nomes, minha memória não tem estado muito boa, ela disse, indiretamente admitindo uma deficiência”. (BERNARDO, 2008, p. 77). Além dessa descrição, outro relato também reafirma os lapsos de memória da paciente: “[...] eu não me lembro do nome do pai do meu filho porque ele morreu quando o menino era bem pequeno e a minha memória não é boa”. (BERNARDO, 2008, p. 82). Estas passagens confirmam ainda mais as nossas suspeitas e a relação da memória com os casos de esquizofrenia.

Nesta obra, norteada por um contexto psicanalítico, o autor cerca-se da memória sob diversos aspectos e em suas diferentes representações, tornando-a parte integrante da narrativa. Embora tenhamos a consciência de que a memória de Lívia/bibliotecário esteja em completo desacordo com a realidade, ela marca o seu espaço na obra e nos permite transitar pelos seus conceitos. A memória desses personagens está associada a uma memória literária que se constrói a partir de histórias já existente, porém revestidas de outra realidade, outro conceito. Este tipo de memória faz parte de umas das categorias definidas por Astrid Erll (2004) e mencionadas por Umbach (2008) em seu artigo *Memórias da repressão e literatura: algumas questões teóricas, a memória na literatura*. Esta categoria é definida por Aleida Assmann⁹ da seguinte forma:

afastar determinada representação do consciente, mantendo-a a distância (GARCIA-ROZA, 1984, p.153).

8 O reservatório mnemônico é a parte do aparelho psíquico responsável pelo armazenamento dos traços (GARCIA-ROZA, 1984, p.77-81).

9 Aleida Assmann é doutora em literatura inglesa pela Universidade de Heidelberg, e em egiptologia pela Universidade Tübingen. Porém, há mais de duas décadas concentra seus estudos sobre a questão da memória. Suas pesquisas encontram-se entre as mais completas da área.

trata-se da encenação, de recordações e lembranças em textos literários, os quais dialogam com os discursos da memória de seu contexto de produção, trazendo à mostra o funcionamento, processos, e problemas da memória (individual e coletiva) no campo ficcional, através de processamentos estéticos (ASSMANN, 1999 apud UMBACH, 2008, p.12).

Diante desta consideração podemos perceber que a arquitetura de Gustavo Bernardo se faz dentro de um contexto memorialístico, que busca em suas raízes conceituar uma realidade literária em sua essência. Ela leva em conta a relação dialógica da literatura (neste caso a sua obra), com os discursos extraliterários (obras de Machado de Assis), tomando como referência não apenas a realidade cultural extratextual, como também os discursos da memória, dispondo-nos o seu funcionamento, processos e problemas através da forma estética da ficção, baseando-se em modelos miméticos da relação entre memória e literatura. (UMBACH, 2008, p. 13). É inevitável não invadirmos o campo da mimese quando nos referimos ao contexto literário. Pois, ao evocar a memória de Machado de Assis e suas obras, o autor, insere no contexto literário uma realidade pré-existente. Esse aspecto ganha forma e conteúdo quando se refere à teoria da construção de realidades. Paul Ricouer e Wolfgang Iser vão defender a utilização desse recurso, baseados nos processos dinâmicos dessa transformação. Ricouer, na tese dos “três estágios da mimese”: “pré-figuração do texto” (referência ao mundo anterior extratextual), “configuração textual” (configuração em uma ficção narrativa) e “refiguração” (refiguração por parte do leitor). Em Iser são também três os elementos relacionados à criação literária: instâncias do real, do ficcional e do imaginário. (UMBACH, 2008, p.13). Gustavo Bernardo (2008) comunga claramente com as ideias de Iser, pois, para ele, fica claro que em seu trabalho ficção e realidade são elementos que se completam, não existindo nenhuma oposição entre eles. Ao contrário, se separarmos “as duas esferas, retira-se o grau de realidade daquilo que se define como ficção.” (ISER, 1993, apud UMBACH, 2008, p.13) E esta ficção, gênero narrativo que permeia suas obras, atém-se à verossimilhança dos fatos para dar sentido e realidade a suas histórias.

Contextualizando a memória às referências de organização e coerência de Lívia, mesmo em processo de desatualização pessoal, notamos que, em determinados momentos, o médico era surpreendido pela total ordenação do pensamento de sua paciente. Estranhamente, Lívia apresentava em seu discurso uma linearidade invejável em relação aos questionamentos de Joaquim. Uma das constatações dessa coerência é o relato do narrador em uma tentativa de confrontar sua paciente com a realidade:

[...] o romance do seu pai [...] foi publicado em 1872, ou seja, precisamente o ano que você me passou como de seu nascimento. No romance, a protagonista se chama Lívia, exatamente como você. Como você, ela tem um filho que, como o seu, se chama Luís. Ainda como você, ela se relaciona com um homem que também é Félix, à semelhança do seu, parece ser um sujeito bem próximo da pusilanimidade, se me permite a expressão. [...] Então, a senhora não estranha nenhuma dessas coincidências? O ano da publicação do romance, o nome dos personagens, o enredo mesmo? Porque estranharia?, ela respondeu- como sempre, com outra

pergunta. Como o senhor mesmo disse, trata-se de coincidências. Talvez o meu nome na personagem seja uma homenagem, a qual aliás me toca bastante, se nasci no mesmo ano que papai publicava o seu livro. Talvez o nome do meu filho tenha sido sugerido pelo avô em alguma carta, não me lembro mais. O nome do senhor Félix não é tão incomum assim, o que faz com que a coincidência não pareça absurda: coincidências acontecem, como todos sabem. De resto o “meu” Félix, como o diz, não era de modo algum pusilânime, mas apenas um fraco, coitado. E é claro que eu não sou a ressurreição de ninguém, vivo ou inventado, eu sou eu mesma, eu não posso ser senão eu mesma, doutor. Novamente espantado com sua lógica grega, mais do que cartesiana, quis sair daquele círculo de espelhos_ sou, não sou, sou, não sou, quem é? (BERNARDO, 2008, p.80-81).

Sob a perspectiva memorialística, esse relato demonstra uma das formas de funcionamento da memória em seu processo de construção, descritas por Michael Pollak (1992): *o trabalho da própria memória em si*. “Ou seja: cada vez que uma memória está relativamente constituída, ela efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, da organização” (POLLAK, 1992, p.7). No contexto narrativo, isto significa dizer que, a memória de Lívia, mesmo diante de sua patologia, organizou-se e manteve-se coerente em sua fantasia. Sendo assim, embora o romance permita o aprofundamento da obra sob inúmeras vertentes, a memória permanece presente como elemento fundamental da narrativa.

CONCLUSÃO

A impecável organização de Gustavo Bernardo em, *A filha do escritor*, percorre por caminhos muito distintos, porém intimamente entrelaçados. Não se trata apenas de um simples romance imaginativo, trata-se da escolha de um enredo baseado em uma preferência literária específica, tanto na escolha do escritor como de um estilo. Nesse processo, o trabalho de presentificação de um passado que não pertencente ao seu contexto temporal-espacial, no caso a vida de Machado de Assis, além de ser um recurso que busca no passado um sentido, mantém também uma estreita ligação com o “sentimento de identidade”, nesse caso, na composição de uma identidade literária que marca, não apenas uma preferência artística, mas também seu espaço e seu estilo irreverente de atuar na Literatura Brasileira.

É dessa matéria que o relato de Gustavo Bernardo se faz: das reminiscências, do resgate de um passado que, estruturado em um contexto ficcional, se concatena com o presente, refletindo-se em uma escrita singular que busca, por intermédio do seu discurso, dissolver a complexidade das relações entre ficção e realidade e, principalmente, estabelecer os limites de uma narrativa que não se obriga a verdade, pois desde o início não esconde suas propriedades fictícias.

O discurso profundo e efusivo do romance, que marca a trajetória de personagens complexos, porém muito bem delineados em seus traços e características psíquicas e psicológicas, direciona o seu leitor, sob a luz de perspectivas literárias, a transitar pelo viés psicanalítico, histórico e memorialístico, no intuito de atingir a compreensão da obra. Embora

possibilite a abertura de diversas vertentes, sua obra é marcada pelo intenso teor ficcional, gênero característico da sua escritura singular e única. Pois é na ficção que Gustavo Bernardo encontra seu melhor material para o resgate da concentração e da fixação de seus leitores.

REFERÊNCIAS

Eagleton, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 227-291.

BERNARDO, Gustavo. **A filha do escritor**. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

LIMA, Andréa Pereira de. O modelo estrutural de Freud e o cérebro: uma proposta de integração entre a psicanálise e a neurofisiologia. **Ver. Psiq. Clín.** 2010; 37 (6): 270-7 Disponível em> <http://www.scielo.br/pdf/rpc/v37n6/a05v37n6.pdf> Acesso em> 15 de junho de 2016.

PAES, Maria Giovanna Machado Xavier. **O inconsciente na produção da leitura e da escrita**. 1997. 92 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação, Goiás, 1997. Disponível em:<https://ppge.fe.ufg.br/up/6/o/Dissert_Maria_Giovanna_Machado_Xavier_Paes.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2016.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em> <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080> Acesso em> 10 de junho de 2016.

SILVA FILHO, Antonio Carlos Pacheco e. Psicanálise e neurociências. **Rev. Psiq. Clín.**, São Paulo, vol. 30, n. 3, p. 104-107. Disponível em> <http://www.scielo.br/pdf/rpc/v30n3/v30n3a10.pdf> Acesso em> 20 de junho de 2016.

UMBACH, Rosani Úrsula ketzer. **Memórias da repressão e literatura: algumas questões teóricas**. In: UMBACH, Rosani Úrsula ketzer (Org.) et al. **Memórias da repressão**. Santa Maria: UFSM-PPGL-editores, 2008, p. 13-22.

